



baixo e a bateria muito precisos em cada definição. Além de composições originais (como *For the Moment*), a actuação passou por temas alheios como *Now*, de Bobby Hutcherson, *Diana*, de Wayne Shorter, e *Isotope*, de Joe Henderson. Acabou por ser uma viagem pelo percurso de Roskos, com a pianista a evocar, através do repertório, os grandes mestres com quem tocou e gravou. Foi uma actuação arrebatadora e emotiva.

Depois de um dia de interregno (dia 5, feriado), o festival regressou na sexta-feira com o grupo norte-americano Ben Allison Trio, que juntava o contrabaixista com Ted Nash (saxofone) e Steve Cardenas (guitarra). Sem originais, o concerto passou exclusivamente por interpretações de temas alheios. Começaram por um tema de Jimmy Giuffrè, *The Train and the River*, e o trio apresentou as marcas da sua música: um som detalhado e sobriedade inatacável. Entre o contrabaixo expressivo de Allison, o saxofone moderado de Nash e a guitarra sussurrada de Cardenas nasce um surpreendente jazz de câmara. A actuação passou por temas de três compositores-chave: Carla Bley, Leonard Bernstein e Herbie Nichols. De Bley, o trio atacou dois temas: *Iida Lupino* e *Laminis* – este numa interpretação melancólica notável, um dos momentos mais memoráveis do festival. Ouviram-se interpretações primorosas e delicadas, com três instrumentistas de qualidade técnica superlativa a aplicarem a dose certa de técnica e contenção, num preciso equilíbrio.

Na mesma noite, apresentou-se depois em palco o Coreto, um ensemble de 12 músicos ligados à Porta-Jazz, a comunidade de músicos jazz do Porto. Sob a liderança de João Pedro Brandão, o grupo interpretou ao vivo o seu disco mais recente, *A Tribuna*, música marcada por um metódico trabalho de composição e arranjos, desenhados para todos os elementos do grupo poderem brilhar. Ao longo de sete andamentos, o grupo trabalhou diferentes imagens sonoras, com alguns momentos individuais brilhantes. Ao vivo na Terceira, a interpretação do *ensemble* mostrou fidelidade à gravação.

que suplantou a versão gravada. O grupo do Porto exibiu um jazz contemporâneo vivo e original, uma música que é complexa e se revela recompensadora.

O encerramento do Angrajazz aconteceu no sábado, com Immanuel Wilkins Quartet e Vivian Buczek Quintet. Arrançou primeiro o norte-americano Wilkins, acompanhado por Micah Thomas no piano, Rick Rosato no contrabaixo e Kwaku Sambury na bateria. O saxofonista-alto baseou a actuação em temas novos e abriu o jogo com *Apparition*, numa toada atmosférica, com o saxofone quase murmurado. Em contraste, ao segundo tema acelerou o ritmo e revelou toda a pujança sobre a secção rítmica fervilhante. Wilkins lançou o seu saxofone supersónico, a exibir talento. A secção rítmica era uma locomotiva, sobretudo puxada por um Rosato irrequieto; e Sambury correspondia. O piano mostrava-se sempre muito ocupado a preencher os espaços, no equilíbrio harmónico. Este era um dos concertos que geravam mais expectativa e o quarteto norte-americano cumpriu.

Quando o quinteto liderado por Vivian Buczek, a cantora sueca de origens polacas, entrou no palco, iniciou o concerto com *Yesterday*, popularizado por Ella Fitzgerald, seguiu-se um tema de Stevie Wonder, *Visions*, e um original, *Fly Away*. Nessas composições iniciais deu para perceber que a cantora não estaria nas melhores condições: problemas de afinação e sobretudo falta de clareza no canto; também os momentos de scat não foram notáveis. Instrumentalmente, a banda revelou-se competente, particularmente o contrabaixista, Jesper Rodilsen, que se exibiu em alguns solos. Como nota positiva, *Nature Boy* e *Prelude to a Kiss* (encore), com arranjos despidos, terão sido os melhores momentos de um concerto que não ficará na memória. A par destes concertos principais, o festival promoveu ainda o ciclo Jazz na Rua, que levou concertos a diversos espaços da cidade de Angra do Heroísmo.

O PÚBLICO viajou a convite angrajazz

Captura de ecrã

Percussão subtil e vigorosa

Crítica de música

Archipelago

★★★★★

Drumming GP
Pequeno Auditório do CCB
Lisboa, 6 de Outubro, às 20h

A percussão afaga, raspa, acaricia, arranha, põe, abana, sacode, estremece. Percutir nem sempre é bater: põem-se a vibrar os materiais de inúmeras formas. Na noite de sexta-feira o Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa, recebeu um concerto de um excepcional grupo de percussão (o "GP" é sigla disso mesmo), o Drumming, que tem dado cartas na execução de música dos nossos tempos, estimulando a criação contemporânea, encenando obras a compositores, divulgando as potencialidades da percussão, envolvendo-se em projectos pedagógicos e em colaborações frutíferas.

Este foi o primeiro dos concertos do ciclo de música de câmara *Seita Muitor* (concertos que se realizam mensalmente) da temporada 2023/24 do CCB. O Drumming GP vinha tocar obras de Luís Tinoco, compositor que terá destaque no CCB também em Novembro, com mais concertos e uma instalação sonora. A estrutura-base deste concerto provinha de um disco monográfico lançado em 2019 pelo Drumming (ed. Odradek Records) e completamente dedicado ao compositor português. Com intérpretes de primeira água, de quem é preciso dizer os nomes: André Dias, João Dias, Pedro Góis, Pedro Oliveira e Miguel Bernat.

A percussão não é um instrumento só – é um mundo. Ao chegar à sala, parecia estarmos diante de uma verdadeira montanha de instrumentos em palco. Vamos percebendo depois que são vários sets de percussão pré-preparados ou facilmente ajustáveis

para cada obra.

O concerto abriu com *Short Cuts*, peça originalmente escrita para quarteto de saxofones que se transformou (transcreveu, melhor dizendo) num diálogo entre dois vibrafones e duas marimbas. Ataques directos e "gestos musicais acutilantes", como diz o compositor, são importantes na dinâmica da peça. Mas há também a ideia de atalhos (daí o título *Short Cuts*), surpresas e interrupções nos rápidos caminhos musicais que o quarteto de percusionistas nos fez percorrer.

Depois veio *Mind the Gap*, uma peça que é como que uma série de fragmentos de uma longa viagem (por uma Londres imaginária). A peça está dividida em quatro andamentos (*Keep Left*, *Next Train Approaching*, *Currently Out of Order* e *Keep Right*) que possuem analogias musicais com os títulos – *Keep Left* e *Keep Right*, por exemplo, são andamentos que de certa forma "forçam" o intérprete a voltar a colocar-se no registo mais à esquerda (mais grave) ou à direita (mais agudo) da marimba. No caso de *Next Train Approaching*, o compositor vê-o como um "travelling nocturno". Será uma espera cinematográfica num caos de embarque? Ou será uma viagem solitária numa cidade dos sonhos? É preciso dizer que a interpretação de André Dias foi absolutamente brilhante na sua capacidade de nos levar por todas as cores e dinâmicas desta viagem. Não é preciso imaginar Londres, basta percorrer os pianíssimos da marimba e os seus súbitos gestos rápidos para nos emocionarmos com uma peça assim tocada. Uma minúscula hesitação não feriu em nada esta peça de urbana melancolia.

Sem pressa seguimos para *Steel Factory* (fábrica de aço), porque já estava lá atrás preparado o set com *steel drums*, os tambores de aço de vários tamanhos, que conhecemos da música popular de Trindade e Tobago (nas Caraíbas), de onde estes instrumentos são originários. Sonoridades que por vezes nos surpreendem, como se

fossem produzidas por instrumentos electrónicos. Mas não, são simples tambores com fundo amolgado que, colectivamente, produzem timbres inesperados, com ajuda de bongós e placas de aço.

Veio depois *Archipelago*, uma peça solo para a delicadeza de toque de Miguel Bernat, o director artístico do Drumming. Peça para vibrafone, com ajuda de tubos *wah-wah*, que produzem oscilações ligeiras no tom e são postos em vibração com as mãos, com baquetas de vários tipos e com arcos de contrabaixo.

Seguiu-se ainda *Spiralling*, peça curtiíssima para dois vibrafones, estimulante para os ouvidos mas também para a vista, já que são três os intérpretes que vão "rodando" junto dos dois vibrafones, às vezes rapidamente, num animado jogo de mãos e pés.

A terminar, *Fados Genetically Modified*, que parece mais uma homenagem ao disco de vinil do que ao fado propriamente dito, pois utiliza sons pré-gravados de escritos de discos para criar uma série de jogos tímbricos, com grande variedade de instrumentos de percussão. É possível que haja nostalgia do vinil (ah, o som da agulha...) e do fado (o pai de Luís Tinoco, José Luís Tinoco, também compôs fados famosos, como é sabido), mas há nesta peça também um certo sentido de humor e um lado lírico. Apesar de no início se desenvolver pouco a ideia de "modificação genética", a peça ganha depois em colorido e profundidade no seu trabalho de construção tímbrica de uma obra que já nada tem a ver com o fado, embora dele parta. É a percussão afirma-se de novo como exploração de mundo sonoro em aberto.

Um mundo em aberto, porque, ao contrário do que muitos julgam, ainda não foi feita a música toda e ela não acabou há cem anos com Edgar Varèse, esse compositor que usou a percussão de maneiras inauditas. Não acabou e bem pelo contrário – talvez tudo tenha (re)começado aí e tenha sido, para a percussão, um novo nascimento. Muito foi inventado entretanto, é certo, mas outro tanto está por descobrir. A invenção musical continua a ser a revelação concreta das múltiplas possibilidades de dar forma a ideias e sentimentos (e muitas outras coisas mais, a partir das tensões sociais do presente), através do som.

Os artistas divergem, convergem, batalham consigo mesmos e com o ruído do mundo, tropeçam, caem, levantam-se de novo. E, na criação musical actual, a percussão é um dos ramos das árvores da criação que mais vigorosamente se agitam. Como mostrou o Drumming nesta noite, com subtilidade. Pedro Boléo



Miguel Bernat e Luis Tinoco